

PARADIGMAS DA CIBERCULTURA: DINÂMICA DA COMUNICAÇÃO PÓS-MODERNA E INTERPRETAÇÃO SEMIÓTICA A PARTIR DE AGOSTINHO DE HIPONA*

CYBERCULTURE PARADIGMS: DYNAMICS OF POSTMODERN COMMUNICATION AND SEMIOTIC INTERPRETATION FROM AUGUSTINE OF HIPPO

Daniel Ribeiro Vieira**

RESUMO

A presente comunicação aborda as dinâmicas da comunicação na era digital, com foco na cibercultura e na comunicação pós-moderna. Desse modo, buscou-se primeiro contextualizar a semiótica, utilizando as reflexões de Agostinho de Hipona com os conceitos de sinal e significante. Em seguida, aborda-se a problemática cotidiana, na era das mensagens instantâneas, da contextualização e da busca pela verdade no processo comunicativo. Exposto isso, buscou-se analisar os desafios da comunicação em um mundo cada vez mais interconectado, enfatizando a importância da compreensão mútua, ressaltando, assim, a relevância das contribuições de Agostinho para os debates sobre comunicação e cultura na era pós-moderna.

PALAVRAS-CHAVE: cibercultura; comunicação pós-moderna; contextualização; veracidade; semiótica.

ABSTRACT

The present reflection explores the dynamics of communication in the digital age, focusing on cyberculture and postmodern communication. Thus, aim first to contextualize semiotics, using the reflections of Augustine of Hippo with the concepts of sign and signifier. Then, the daily issues in the era of instant messaging, such as contextualization and the pursuit of truth in the communication process. Finally, having exposed this, the goal was to analyze the challenges of communication in an increasingly interconnected world, emphasizing the importance of mutual understanding and highlighting the relevance of Augustine's contributions to the debates on communication and culture in the postmodern era.

KEYWORDS: cyberculture; post-modern communication; contextualization; veracity; semiotics

1 LINGUAGEM

A comunicação apresenta-se como basilar e essencial ao sujeito numa convivência social; desse modo, ao expressar-se nas frases primeiras, o exercício desempenhado por esse indivíduo é similar ao esforço em uma conversação prolongada em um ambiente desconhecido. Com tal, desejamos evidenciar que a temática da linguagem dispõe dum primado, e nos pensamentos de Agostinho de Hipona encontramos uma série de discussões

* Comunicação recebida em 09/05/2024 e aprovada para publicação em 20/06/2024.

** Graduando em Filosofia pela PUC Minas. E-mail: dd363273@gmail.com.

que compõe o cerne dessas questões da comunicação na história. Expõem-nos, nesse contexto, as primeiras colocações em *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, e O mestre*, ao trabalhar em uma espécie de “semiótica” as relações entre signo e sinal (Agostinho, 2008).

Embrenhando-nos nessas questões, é possível observar que a investigação agostiniana encontra seu ponto de partida na comunicação entre mestre e discípulo – professor e aluno. Nesse contexto, ao tratar os sentidos do corpo humano, especialmente a audição e a visão, são apresentadas as possibilidades de comunicação:

[...] são três os gêneros de coisas em que aparece o razoável: um está no que se faz em relação a um fim, o segundo está no que se diz e o terceiro no prazer. O primeiro nos admoesta a não fazer nada temerariamente; o segundo adverte-nos a ensinar corretamente; o terceiro chama-nos à feliz contemplação (Agostinho, 2008, p. 234).

Ao filiar a visão à recepção do movimento é, assim, assegurada simultaneamente uma finalidade não somente teórica, mas também prática, subservindo à moral. Num segundo momento, atrela-se à audição aquilo que se diz na fala. Por fim, ao referir-se ao prazer, está se apresentando um convite para admirar a beleza das coisas. Portanto, ao coligar a audição e a fala, enquanto palavra dita e recebida, constrói-se um processo comunicativo, desenvolvido na obra a partir do processo de ensino-aprendizagem. Assim, colocam-se em análise os preceitos fundamentais da linguagem a fim de assegurar uma rememoração verdadeira dos significados.

Nesse processo, o surgimento de vocábulos deseja convencionar a estrutura oriunda dos pensamentos. O autor atribui essa convenção a um processo de mediação necessário para se efetivar uma comunicação sem ruídos; entretanto, o signo em si não expressa nenhuma mensagem, por exemplo se transmitíssemos a palavra “homem”, suas sílabas separadamente em uma mesma frase impreterivelmente poderiam referir-se a outras ideias. Agostinho, assim apresenta:

[...] Ao dizermos *caenum* (imundície), julgo que o nome esteja muito além daquilo que significa. O que choca ouvi-la não seria o som pertinente à palavra; se mudarmos apenas uma letra, *caenum* passará a *caelum* (céu). [...] Entre ambas, as realidades significadas distantes se fazem (Agostinho, 2015, p. 104).

De modo geral, o Bispo de Hipona sustenta que o vocábulo é um sinal, ou seja, uma ferramenta para representar ou indicar uma coisa, isto é, o sinal é uma mediação para se

atingir o objetivo de transmitir a ideia ao interlocutor. Por sua vez, o mediador do sinal seria o significado, “aquilo que a alma consegue apreender das coisas pelo sinal” (Agostinho, 2008, p. 385), assim compreende-se que nos seus *insights* o processo comunicativo ocorre nessa relação de mediação em que os interlocutores coabitam o mesmo ambiente linguístico.

2 SEMIÓTICA EM AGOSTINHO

Ao estruturar essa relação entre signo e significante, acrescenta-se ainda a pontuação de Christoph Horn (2006, p. 8) da compreensão de significado “como a indicação de uma coisa ou de um conteúdo (*res*)”. Tal constructo parte do pressuposto da existência dos signos naturais e convencionais, isto é, a correspondência exata na natureza daquele sinal ou a conotação imediata processada ao longo do tempo por uma sociedade, respectivamente. Essa posição de Agostinho (2002, p. 85-86) correlaciona a descrição dos sinais ao pensamento, e desse modo, afasta de um fim em si mesmo, enfatizando a perspectiva libertadora da comunicação tendo como meta a comunicação verídica que permite atingir o maximamente cognoscível pelo ser humano.

Torna-se evidente que as coisas a que se refere o locutor possuem uma primazia em relação aos signos/sinais que a referem. A justificação disso ocorre ao associarmos sua função em univocamente recordar ou iluminar o sujeito para encontrar a palavra interior disposta em seu ser. Por consequência, a descoberta do próprio sujeito apenas encontrará o significante ao ser verdadeira, eterna e imutável, recordando, enfim, a relação com Deus expressa no *De Magistro*. Dessa maneira, um exemplo possível refere-se à lua nova, que ainda em uma noite de escuridão, se é possível alcançar a claridade. Tal, segundo Agostinho (2015, p. 131), refere-se ao intelecto que, partindo do arcaísmo do esquecimento, alcança, por meio da razão, a luz da lembrança.

As ligações criadas entre palavra interior, significante e sinal são um conjunto central para se compreender o processo semiótico desenvolvido nas obras ora abordadas. Assim, significante e sinal se articulam na comunicação para garantir um diálogo que transmita e receba as mensagens com códigos convencionais com significação compreensível a ambos interlocutores. Portanto, a *vox articulada* é o “meio natural do pensamento utilizado para expressá-lo na fala. Ela suscita no pensamento daquele que ouve o significado – como referente exterior do sinal – e a imagem mental” (Marques; Targino; 2021, p. 9).

Dessa forma, grifa-se o escopo abordado como um veículo de transmissão entre o emissor e o receptor a partir das figuras de mestre e discípulo. Como resultado, vislumbramos que esse método comunicativo, caso centre apenas na palavra, continuará a mostrar-se incipiente para uma efetividade comunicativa, conforme nos recorda Forattini (2009, p. 101):

Ao centrar a análise da linguagem na palavra, e ao definir a palavra como signo – e se é signo, este não pode ser a coisa em si, mas deve apontar para algo, alguma outra coisa –, Agostinho mostra a deficiência da linguagem em representar, por meio da substituição, o mundo, a realidade.

Em síntese, o autor acrescenta que “nada se comunica sem sinais e que o próprio conhecimento nos é mais precioso que os sinais pelos quais o conhecemos” (Agostinho, 2008, p. 400). Tal afirmação não exclui a linguagem, outrossim reforça a perspectiva gnosiológica da comunicação para o autor.

3 COMUNICAÇÃO PÓS-MODERNA

O processo comunicativo que não pressuponha a verdade na mensagem enunciada, em Agostinho tem sua validade questionada, isso porque o processo de interligação acima descrito se vê prejudicado quanto a encontrar a palavra interior que corresponda ao enunciado. Esse “lapso da própria linguagem”, recorda-nos Agostinho (2015, p. 137), pode ser frequentemente distendido por algum dos inseridos naquele contexto, porém, por vezes também aquele que fala pode ser verídico, no entanto incompreendido pelo interlocutor.

Nessa perspectiva, entendemos a importância do contexto comum no processo comunicativo; uma vez que a linguagem é um sistema de representação, o desconhecimento dos signos representados torna débil sua aplicação. De maneira simples, pode-se elencar a dificuldade de comunicação entre indivíduos que não disponham do mesmo idioma, conforme nos recorda Gláucia Xavier (2014, p. 90). Assim, é evidente a busca necessária para se lograr uma comunicação efetiva.

Contemporaneamente, as marcas traçadas pelos dispositivos de comunicação instantânea irrompem uma nova perspectiva que aumenta exponencialmente as possibilidades de ruído nesse processo de transmissão e recepção. A presença, especialmente juvenil, nas redes sociais, é marcada por tal fenômeno, ao passo que os diferentes públicos-alvo criam sua

própria metodologia comunicativa, ou seja, criam seu próprio vocabulário. Nesse contexto, vale ressaltar:

[...] a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo (Oliván *apud* Castells, 1999. p. 414).

Com isso, compreende-se que Oliván, de acordo com a citação de Castells, postula a independência dos novos meios de comunicação frente aos veículos tradicionais; essa “evolução” vivenciada na atualidade torna-se paradoxal ao permitir uma interação sem contextos ou historiografia relacionada, assim, desejando superar a própria capacidade mental de abstrair e criticar as temáticas, o indivíduo termina por realizar comentários que pouco agregam. Por fim, entende que a transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica justamente porque o aprendiz da sociedade pós-moderna não sabe mais separar sua vida on-line e off-line (Harvey, 2004).

Em suma, observamos que os princípios da palavra interior, signo e significante se veem transformados e abandonados nos meios digitais, uma vez que a relação basilar entre vocábulo e significado é inviabilizada pelos participantes da bolha comunicativa. Retomando esses conceitos basilares, seria possível evitar a falácia de se julgar absurdo o comentário ou argumento apresentado que encontra problemas de codificação ou decodificação. Assim, apesar das falhas, nesse processo comunicativo, Agostinho (2015, p. 139-140) interpela pelo processo de ensino-aprendizagem como possível moderador.

4 A CULTURA CIBERNÉTICA

A partir dessas presenças digitais, observamos a edificação de uma cibercultura, a qual encontra sua origem no entroncamento entre sociedade e meio sociocultural; ambos, ainda que similares, se expressam a partir de visões diferentes. Enquanto a sociedade dispõe de um olhar amplo que analisa o indivíduo, o meio sociocultural diz respeito à relação inversa. Assim, ao nos inserirmos na era da informação, nota-se que a superação das barreiras físicas se mostra nessas relações linguísticas, a que nos propomos evidenciar no presente instrumento.

Essa ótica contemporânea altera os processos de comunicação ao passo que, segundo André Lemos (2005, p. 1), podemos compreender:

A cibercultura caracteriza-se por três “leis” fundadoras: a liberação do polo da emissão, o princípio de conexão em rede e a reconfiguração de formatos midiáticos e práticas sociais. Essas leis vão nortear os processos de “re-mixagem” contemporâneos. Sob o prisma de uma fenomenologia do social, esse tripé (emissão, conexão, reconfiguração) tem como corolário uma mudança social na vivência do espaço e do tempo.

Quase que inseridos em uma realidade paralela, os processos comunicativos se veem passíveis de falhas ao compartilharem pensamentos numerosos a indivíduos ainda mais numerosos e com origens múltiplas. Lemos, ao mencionar o espaço e tempo em sua reflexão, abre-nos a compreensão de que as verdades individuais terminam modificadas ou ao menos escondidas pelo sujeito que não encontra espaço disponível para compartilhar seus pensamentos. Assim, o aumento expositivo e temporal para o contato termina se sujeitando a falhas cruciais na transmissão da mensagem.

Portanto, o acesso fácil a todo tipo de informação, em qualquer lugar e a qualquer momento, cria em nós uma necessidade crescente e permanente de contextualizar as informações com um aqui e agora. É nesse espírito que Edgar Morin (1999) aponta a capacidade de contextualização da informação como um dos sete saberes fundamentais para a educação do futuro. Dessa maneira, os novos meios de comunicação devem se permitir ser um verdadeiro fluxo de comunicação, tanto em termos tecnológicos quanto de comunicação propriamente; é exatamente essa capacidade de transmitir o conteúdo da informação.

CONCLUSÃO

A partir dessa perspectiva hermenêutica, considera-se ainda que o ato de interpretar, para Agostinho, é preciso ser entendido como mais que mediador pontual de problemas no texto ou mesmo modo de se evitarem escândalos no processo. Antes, trata-se de um ato de adentrar no universo da linguagem, com a qual o texto se expressa, e somente mediante uma análise é possível reconhecer a totalidade da compreensão.

Dessa maneira, a compreensão de que uma mensagem necessariamente passa por certa construção de signos e estes, por sua vez, estão ligados a uma realidade histórico-cultural, torna a interpretação um ato de compromisso com a verdade (dimensão gnosiológica). Esta

que garante a independência do sujeito e, assim, assegura que sua participação no processo comunicativo o liberta em sua capacidade de pensamento, não se vendo manipulado ou doutrinado por ideais alheios.

Outrossim, observa-se a atualidade das contribuições agostiniana apresentada no *De Magistro* ou em *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre* evidenciadas nessa necessidade de a linguagem não se tornar um valor extratemporal; porém ter sua aplicação diária nas relações linguísticas visando não causar desigualdades no estrato social, ao menos naquilo que tange ao direito de se expressar, essencial ao indivíduo.

Ao examinar a comunicação na era digital, é necessário reconhecer os desafios enfrentados, especialmente no que diz respeito à interpretação e à contextualização das informações. Ao reconhecer a importância da palavra, do signo e do significado, podemos desenvolver uma comunicação mais autêntica, significativa e enriquecedora, capaz de promover uma verdadeira conexão entre as pessoas em um mundo cada vez mais interconectado, promovendo, portanto, uma cultura comunicativa que valorize a busca pela verdade e pela compreensão mútua.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A doutrina cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO. **Contra os acadêmicos, a ordem, a grandeza da alma, o mestre**. São Paulo: Paulus, 2008.

AGOSTINHO. **De Magistro**. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – a era da informação**: economia, sociedade e cultura. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FORATTINI, Fernando Miramontes. Interioridade, exterioridade e linguagem em Santo Agostinho. **Primeiros Escritos**, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 1, p. 97-107, 2009. DOI: 10.11606/issn.2594-5920.primeiros estudos. 2009. 136831. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeirosestudos/article/view/136831>. Acesso em: 8 maio 2024.

HORN, Christoph. Agostinho: teoria linguística dos sinais. Porto Alegre: **Veritas**, v. 51, n. 1, p. 5-17, mar. 2006.

LEMONS, A. **Cibercultura remix**. Seminários: sentidos e processos. São Paulo: Itáu Cultural, 2005. Disponível em: <https://facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf> Acesso em: 08 maio 2024

MARQUES, Victor Hugo de Oliveira; TARGINO, Julielton de Melo. Apontamentos sobre linguagem e hermenêutica em Agostinho. **Revista Ágora Filosófica**, Recife, PE, Brasil, v. 21, n. 1, p. 145-169, 2021. DOI: 10.25247/P1982-999X. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/1912>. Acesso em: 1 maio 2024.

MORIN, E. **Complexidade e transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: Editora da UFRN, 1999.

XAVIER, Gláucia do Carmo. Significante e significado no processo de alfabetização e letramento: contribuições de Saussure. **Cadernos CESPUC de pesquisa**, Belo Horizonte, v. 1, n. 25, p. 87-102, 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/issue/view/744>. Acesso em: 29 abr. 2024.